

Abandono escolar precoce e desqualificado

Idalina Jorge*

No início de mais um ano lectivo, voltam a preocupar-nos as estatísticas terríveis do abandono escolar em Portugal. Uma breve consulta no PORBASE devolve-nos um universo de 32 estudos portugueses sobre o fenómeno, com algumas pessoas a estudarem-no de forma continuada e sistemática, como João Ferrão, que tem vindo a caracterizar regionalmente os factores de abandono. Todavia, o debate nacional sobre a educação revela um diminuto conhecimento geral do fenómeno, o que nos conduz naturalmente à premissa de que política e investigação se movem em campos de difícil encontro.

Na verdade, a dificuldade de acesso a dados do Ministério da Educação, o distanciamento ou desencontro do Ministério da Educação relativamente à investigação em Ciências da Educação não poderiam ter outra consequência que não o agravamento do problema; ora, um fenómeno cujas variáveis não são rigorosamente conhecidas é um fenómeno incorrigível: a tutela acusa os professores, os professores acusam os pais, os alunos acusam os pais, estes os professores que, por sua vez, acusam a tutela.

Podemos também constatar que o acesso a estudos internacionais é mais fácil que o acesso ao conhecimento produzido em Portugal, o que é problemático, já que, assim, nunca conseguimos uma massa crítica com base nos nossos dados, na nossa realidade.

Embora os fenómenos possam ter uma configuração geral idêntica e transversal nas diversas culturas e sociedades, as especificidades de cada uma molda-lhes o perfil. A título de exemplo, um estudo muito recente, que é, aliás, um dos mais relevantes na matéria, em que diversas variáveis sociais e académicas são articuladas, através de tratamentos correlacionais, indica que a *monoparentalidade* é um factor de risco nas crianças provenientes de famílias desfavorecidas, em termos de abandono precoce. Sabemos com algum grau de precisão qual é o peso desta variável no nosso país?

Por outro lado, os filhos de mães domésticas estão em desvantagem relativamente aos filhos de mães trabalhadoras.

Outro factor de abandono prende-se com os resultados académicos no primeiro ano de ensino.

Outra evidência é que o abandono precoce é preponderantemente masculino, o que condiz com

os nossos dados, em que se verifica uma efeminação a partir do 9º ano de escolaridade.

É frustrante saber que o fenómeno é desconhecido pela tutela, porque há pessoas em Portugal que têm vindo a fazer um estudo sistemático da situação e dos seus contornos regionais e existem números que nos podem permitir uma reflexão e a procura de novas (ou não) hipóteses explicativas.

Num estudo sobre o abandono escolar na região centro, publicado na Revista *Finisterra*, 79 de 2005, (pp.163-176), Lucília Caetano, Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, refere que os indicadores das últimas décadas posicionam Portugal na cauda da Europa: apenas **27,1%**, por oposição aos 61,8% europeus, dos **jovens portugueses** activos, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos concluíram o **Ensino Secundário ou um Curso Profissional** e **3%** não chegaram sequer a concluir o **Ensino Básico**.

A evolução da escolaridade dos portugueses nos últimos cinquenta anos regista uma **taxa de analfabetismo da ordem dos 9%** na população portuguesa com mais de 10 anos em **2001**, e uma percentagem de apenas **15,7%** da população com o **Ensino Secundário**, sendo que a maior fatia, de **35,1%**, tem apenas o **1º Ciclo** do Ensino Básico.

No conjunto do País, apenas se regista uma situação mais favorável em **Lisboa e Vale do Tejo**, com 32,8% da população com o 3º Ciclo e Ensino Secundário, situando-se os piores resultados no **Norte** e no **Centro**, ocorrendo ainda **diferenças evidentes** entre o **litoral e o interior** e neste entre as zonas mais industrializadas e as basicamente rurais, marcadas ainda por um analfabetismo de **17,4% em 2001 na Beira Interior Sul**, salientando-se uma clara falência das políticas de educação delineadas com o objectivo de combater o abandono escolar precoce e desqualificado.

Os números revelam ainda que este abandono se dá sobretudo nos **1º e 3º Ciclos do Ensino Básico e no Ensino Secundário**, com uma taxa de abandono média no Secundário da ordem dos **32,6%**, em que se constata uma mancha particularmente crítica em toda a região centro e ainda taxas de **34%** e **superiores no Baixo Vouga e no Pinhal Litoral**.

O diagnóstico das causas deste abandono refere como motivos mais apontados pelos alunos

para não continuarem a estudar: 1) a vontade própria; 2) já estar cansado de estudar; 3) estar na hora de tentar a independência; 4) ser difícil entrar no Ensino Superior e 5) dificuldades financeiras, o que revela que, segundo os informantes, o abandono da escola se deve a pouco interesse pela escolaridade e a causas de natureza económica e de acesso.

Dos alunos do 9º ano, 50% consideram que a escola **não é um lugar agradável** contra 15% do 8º ano, percentagem que **desce a partir do 10º ano e volta a subir no 12º ano**, o que constitui um indicador de que os anos terminais são “anos críticos”.

Por outro lado, verifica-se que o abandono escolar é **predominantemente masculino**, o que configura com outros estudos internacionais, e que os **pontos fracos do sistema educativo português** se prendem com o elevado peso do analfabetismo, o abandono escolar precoce e a fragilidade do ensino técnico e tecnológico.

O estudo de Caetano refere que esta situação é fortemente condicionante da **qualidade do capital humano** e um **obstáculo ao crescimento económico**, ao **aumento da produtividade e da competitividade**.

Em termos de diagnóstico, estas conclusões configuram com resultados apresentados por investigadores internacionais, designadamente o de Alexander e Entwisle publicado em 2001.

Resultados idênticos são revelados pela **investigação canadiana sobre o abandono escolar**, das mais completas e sistemáticas, sobretudo a proveniente do Quebec, onde o problema do abandono persiste: em 2006, foram tomadas, no Canadá, medidas extremas para evitar que os jovens abandonem a escola antes dos 18 anos de idade.

Quem são afinal os estudantes de risco? Um estudo recente, publicado em 2006, identificou subgrupos de estudantes de risco, através de uma tipologia baseada em três contextos de abandono escolar: 1) o **pessoal**, 2) o **familiar** e 3) o **escolar**. A análise de *clusters* especifica quatro grandes grupos de abandono escolar: 1) O grupo dos **comportamentos anti-sociais**; 2) O grupo dos alunos **desinteressados pela escola**; 3) O grupo das dificuldades de **ajustamento escolar e social** e ainda 4) o grupo **depressivo**.

Em suma, e considerando os contextos que referi atrás, o algoritmo do *cluster* confirma a importância dos problemas de comportamento e das dificuldades de aprendizagem e salienta a significância dos estados depressivos e do contexto familiar no abandono escolar precoce.

As características pessoais e abandono escolar

São as **características cognitivas, emocionais e comportamentais** que constituem o maior peso nas taxas de abandono escolar.

No **âmbito cognitivo**, as **dificuldades de aprendizagem** são a variável mais importante, seguida da **retenção** e do **baixo rendimento escolar**.

No **âmbito emocional**, os estudantes de risco têm **falta de interesse pela escola**, não **valorizam o sucesso académico**, nem os **valores da Escola** e manifestam ainda outras características, tais como: **isolamento social**, **ansiedade** e **problemas depressivos**. Muitos destes estudantes **não correspondem às expectativas da Escola** e manifestam uma elevada frequência de problemas de comportamento, um dos mais fortes preditores do abandono escolar, designadamente comportamentos agressivos, delinquentes, com consumo de álcool ou drogas. Estes comportamentos desajustados são uma consequência da falta de competências sociais, de que resultam punições escolares diversas.

As características familiares e o abandono escolar

No âmbito das características familiares, os estudos relacionados com os padrões familiares de estudantes que abandonam precocemente a Escola referem 1) **estilos de vida “não convencionais”**; 2) estruturas familiares **monoparentais**, 3) **más práticas parentais**, incluindo **falta de apoio emocional**, de **envolvimento com a escolaridade** do jovem e **supervisão inadequada**; outros investigadores referem ainda 4) o peso da **conflituosidade intrafamiliar**.

De um modo geral, as **baixas expectativas parentais** estão fortemente associadas ao abandono escolar e verifica-se uma forte associação entre o nível de **participação parental e as realizações**. Por último, há estudos que relacionam o fenómeno de abandono escolar a famílias **dependentes de subsídios sociais**, onde o **emprego é precário**, o que não acontece com os jovens provenientes de famílias profissionalmente estáveis.

Em suma, as **baixas expectativas parentais** e a **supervisão insuficiente ou inadequada** são variáveis fortemente associadas ao abandono escolar, enquanto o **ambiente familiar** e a **qualidade do apoio familiar** ao estudante condicionam, quer pela positiva, quer pela negativa, o seu sucesso académico.

A responsabilidade da Escola no abandono escolar

Actualmente, os jovens passam grande parte do seu tempo na Escola; habitualmente gostam de lá estar, pelo que o contexto escolar tem um papel importante no seu desenvolvimento pessoal e social.

Apesar de a investigação se centrar mais no contexto individual e familiar, certos factores associados à 1) **organização da sala de aula**; à 2) **relação pedagógica** e ao 3) **clima escolar** são particularmente relevantes.

Num estudo de 2000 que envolveu mais de 1000 estudantes, conclui-se que o **professor pode melhorar o rendimento escolar** promovendo um **melhor ambiente psicossocial**: por exemplo, o **factor organizacional** e um **clima de aula orientado para a tarefa** melhoram os resultados académicos, ao contrário de uma preocupação excessiva com as **regras e a disciplina**; por outro lado, a **inconsistência e a falta de clareza de regras** aumentam o risco de abandono. As intervenções punitivas, as suspensões frequentes, as experiências escolares negativas contribuem também para aumentar o risco de abandono.

Por último, o **clima da escola** tem influência nos estudantes e pode contribuir, ainda que indirectamente, para o aumento de défices de atenção e outras alterações de comportamento.

É ainda de salientar que a variável **Notas a Matemática** é a mais crítica em todos os grupos, com especial incidência no grupo dos estudantes depressivos.

Em termos gerais, as variáveis relativas à **família** são as mais críticas, em particular nos estudantes desinteressados.

A variável “atitudes do professor” é mais influente nos 1) estudantes depressivos (38,5%); 2) estudantes desinteressados (37,3%) e 3) nos estudantes com comportamentos anti-sociais (32,7%). O grupo em que o risco de abandono é maior é o grupo dos estudantes com desajustamentos sociais e escolares.

Em suma, a investigação demonstra que os estudantes com baixo rendimento académico, de condição socioeconómica desfavorecida, de famílias monoparentais são os que correm maior risco de abandono escolar precoce e desqualificado; as variáveis relacionadas com a Escola são menos importantes, mas igualmente significativas.

Podemos então concluir que a instrução dos nossos jovens e a qualificação dos nossos recursos humanos é um imperativo nacional em que a Escola e os serviços de apoio e de controlo social das funções das famílias têm de dar o seu melhor. ●

* Doutorada em Educação